

Princípios para um futuro sustentável da América Latina, em tempos de pandemia e crise planetária

Introdução

Os valores em jogo

- A pandemia global do Coronavírus colocou o mundo diante da pior crise desde a Segunda Guerra Mundial. Expressamos nossa solidariedade perante a enorme perda de vidas humanas que vem ocorrendo em todos os países do mundo e, em especial, nossa preocupação pelo impacto na saúde e economia das populações e comunidades más vulneráveis.
- Valorizamos a resposta dos Estados em abordar a emergência sanitária colocando a ciência no centro das decisões políticas e promovendo programas de apoio econômico que protejam os mais vulneráveis.
- Esta pandemia é parte de uma crise sistêmica mais ampla que, junto com a crise climática e perda da biodiversidade, é resultante da forma em que a espécie humana tem interagido com a natureza.
- Estamos diante de uma emergência planetária que transcende fronteiras nacionais e expõe nossa vulnerabilidade e interdependência como parte da mesma comunidade global. Por isso, a resposta exige tanto em nível internacional como nacional uma profunda revisão do contrato social com base na cooperação, no fortalecimento dos princípios democráticos e no respeito aos limites da natureza.
- Apesar das diferenças políticas internas, a América Latina compartilha elementos culturais, linguagem, um patrimônio ancestral herdado das populações nativas e um capital natural que oferecem condições favoráveis para desenvolver uma estratégia regional de cooperação e superar com maior eficiência e eficácia os desafios presentes e futuros aos quais estarão expostos nossos países e sociedades.

As causas da COVID-19, o funcionamento sistêmico do planeta e seus limites

Nos últimos 30 anos incrementamos exponencialmente nossa conectividade global, aumentando a exposição a riscos sistêmicos como evidencia esta pandemia e, no mesmo período, comprovamos a fragilidade dos nossos sistemas de governança. A institucionalidade democrática, republicana, ambiental e da saúde na maioria dos nossos países se encontra deteriorada, e não contamos com a infraestrutura mínima necessária para fazer frente aos desafios de um planeta com mais de 7.500 milhões de seres humanos estabelecidos principalmente nos centros urbanos, de costas aos ambientes rurais e naturais. A fragilidade institucional expõe ainda mais os setores vulneráveis, como as comunidades rurais e assentamentos urbanos precários.

A pandemia COVID-19 é de origem zoonótica, associada a vários fatores simultâneos, destacados reiteradamente pela comunidade científica como causadores prováveis de doenças, mortes e catástrofes regionais e globais:

- A perda do hábitat natural de certas espécies de fauna que, diante da escassez de recursos, se aproximam das áreas povoadas.
- O consumo de espécies da fauna silvestre e sua comercialização.
- O aquecimento global que possibilita a migração de vetores de novas doenças.
- A baixa qualidade do entorno ambiental na maioria dos países do mundo.

A pandemia global chega em um momento no qual os nacionalismos se acirram e as populações deslocadas que migram escapando da guerra, da violência e da pobreza se multiplicam, à medida em que aumentam as barreiras de isolamento. A desconfiança nas instituições multilaterais e a ausência de líderes globais com disposição para cooperar apenas aprofundam a crise da saúde, colocando em risco a vida de milhões de habitantes.

Para além de tudo isso, o coronavírus revela a interdependência entre nações e ecossistemas e a fragilidade a qual a comunidade global está exposta. Muito provavelmente enfrentaremos novas pandemias até que possamos gerar sistemas de contenção capazes de preveni-las e que, neste caso, nos permitam responder de forma rápida e solidária como uma comunidade global interdependente.

As consequências para uma região frágil com alta vulnerabilidade e pouca capacidade de enfrentar e administrar crises sistêmicas

Pelo seu caráter global similar a crises climáticas, esta crise sanitária confirma as profundas relações de inequidade existentes no mundo.

- Em geral, os países da região possuem sistemas de saúde que não contam com os equipamentos necessários para atender aos milhares de infectados pelo coronavírus.
- O acesso a água e a sistemas de saneamento é vital para sustentar práticas regulares de higiene. Na América Latina, região que possui um terço da água doce do mundo, 34 milhões de pessoas ainda não tem acesso a água potável e 15% da população ainda espera o acesso a serviços de saneamento básico, aumento a vulnerabilidade das comunidades más carentes (CEPAL, Relatório Regional, 2018)
- A região da América Latina e do Caribe é a mais urbanizada do planeta, com uma alta concentração da sua população de baixa renda vivendo em situações de superlotação, onde é inviável realizar o distanciamento social exigido pelas normas sanitárias de forma a prevenir o contágio e a propagação da COVID-19. Os países da região contam com uma população atual de 630 milhões de pessoas, o que representa 8,6% da população mundial. Mais de 80% dos seus habitantes estão em zonas urbanas, principalmente em megalópoles, que concentram mais de 30% da população de cada país (CEPAL, 2018).
- Na América Latina e Caribe, aproximadamente 50% dos trabalhadores, pelo menos 140 milhões de pessoas, trabalham em condições informais e sem redes de proteção social.
- O aumento substancial das migrações nas últimas décadas incrementou consideravelmente a população urbana que vive em condições de superlotação e informalidade, altamente vulnerável diante de crises sanitárias.

Pertencemos a sociedades com padrões de produção e consumo insustentáveis. A demanda irracional de recursos por parte de uma população crescente e a consequente geração de resíduos excedem a capacidade de carga do planeta. Em resumo, somos uma população que desconhece ou cuja qual parece não se importar com os limites do planeta.

As lições aprendidas

1. Esta pandemia global expõe e alerta sobre o grau de deterioração ao qual temos levado o nosso planeta. Nos permite compreender a sua singularidade tanto como infraestrutura natural provedora de vida, bens e serviços, valorizar os seus limites e reconhecer a necessidade inadiável de respeitar o seu funcionamento sistêmico.
2. Diante da emergência, os governos têm promovido e adotado medidas direcionadas à resolução das questões sanitárias e econômicas fundamentais. Este simples fato demonstra que, quando existe vontade política, os Estados e a comunidade global são capazes de realizar mudanças estruturais.
3. A ciência se viu fortemente demandada na identificação, gestão e planejamento das possíveis soluções diante da emergência sanitária. Assim como ocorreu com o risco climático, lideranças científicas, políticas e sociais também anteciparam este risco e sugeriram o desenvolvimento de sistemas globais de ação rápida perante as ameaças à vida no planeta e nossa sobrevivência. A pandemia demonstra que administrar riscos ignorando a ciência possui implicações desastrosas e um alto custo econômico e social. Novas emergências globais anunciadas previamente e já comprováveis impõem o desenvolvimento de respostas igualmente globais e coordenadas.
4. O súbito fechamento das atividades econômicas, com a manutenção apenas daquelas consideradas “essenciais” para a saúde, de provisão de alimentos ou coleta de resíduos, revigoram a reflexão sobre o atual modelo de produção e consumo. É preciso revisar o modelo econômico baseado apenas no crescimento permanente do Produto Interno Bruto (PIB).
5. A pandemia COVID-19 nos obriga a aprofundar o debate e a valorizar as empresas e atividades econômicas projetadas com o objetivo de responder aos desafios sociais e ambientais da atualidade. Precisamos de novos modelos de negócios e novas formas de empreender. Otimizar o modelo econômico significa renovar o DNA das empresas para integrar objetivos ambientais e sociais em seus objetivos e atividades essenciais.
6. A capacidade de resiliência da natureza, se dermos uma oportunidade, possibilita a melhoria das condições ambientais nas cidades, especialmente a qualidade do ar, através da diminuição de poluentes climáticos de vida curta, causando um efeito positivo na saúde e na vida da população.
7. A crise de saúde, gerada pela COVID-19, está ocasionando a perda de centenas de milhares de vidas humanas e uma abrupta paralisação das atividades econômicas que sustentam a vida em nossos países. Essa disrupção oferece um aprendizado sobre outras ameaças sistêmicas enfatizadas pela ciência devido as mudanças climáticas, que colocam em risco a existência da espécie humana e da vida no planeta. Hoje, mais do que nunca, somos conscientes que a saúde do planeta também é a saúde de seus habitantes.
8. Apesar das condições de isolamento, a pandemia da COVID-19 evidenciou a existência de valores humanos fundamentais perante a adversidade e o sofrimento alheio, suscitando reações de solidariedade, entrega e agradecimento direcionadas às pessoas que nos cuidam.

Bases para um renascimento sustentável a partir da América Latina

Precisamos direcionar o mundo a um novo “renascimento”, onde o planeta e seus limites sejam o marco inicial das nossas decisões políticas e econômicas para garantir a vida e o bem-estar da humanidade e da maravilhosa diversidade de organismos que a tornam possível e duradoura. Um novo “acordo pela natureza e pelas pessoas” que disponha sobre os compromissos dos Estados e outros atores em direção à um novo marco efetivo para reverter os processos de perda e degradação das condições naturais do planeta. A América Latina tem um papel, enormes potencialidades e uma responsabilidade singular na tarefa de reconexão com a natureza e o sistema da vida. A partir da nossa singularidade queremos enfatizar a necessidade de revisar significativamente a ordem natural e adotar o contrato social necessário para sustentar a paz, dignidade, integridade e a vida das pessoas com a promessa de um desenvolvimento sustentável e duradouro. Essa nova ordem social local, regional e global deve incluir os seguintes princípios:

1. **O conhecimento científico deve sustentar a tomada de decisões.** A ciência, como base do conhecimento para a gestão de riscos e ameaças globais, deve orientar a cooperação e decisões políticas, econômicas e ambientais. O investimento em pesquisa e desenvolvimento, tanto na prevenção desses riscos planetários, quanto nas soluções possíveis deve estar no centro das prioridades econômicas das instituições públicas e do setor privado.
2. **A solidariedade deve guiar a resposta perante as crises globais.** Para um renascimento sustentável, devemos reconhecer nossa interdependência, entre seres humanos e com a natureza, e promover a saúde do sistema Terra, baseado na solidariedade, cooperação e complementariedade entre nós.
3. **Avançar rumo à uma economia do bem-estar e não apenas do crescimento.** Para um renascimento sustentável, as decisões sobre “os planos de incentivo econômico” nas estratégias de saída da crise econômica gerada pela pandemia são decisivas. É preciso assegurar o fortalecimento da nossa capacidade de resiliência seja fortalecida, a restauração dos sistemas naturais e a aceleração da transição rumo à uma economia do bem-estar dentro dos limites planetários.
4. **Renovar os compromissos climáticos e da biodiversidade no marco dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).** Devemos reforçar o ciclo de ambição do Acordo de Paris, a reformulação das metas de Aichi através do Marco Global para a Biodiversidade pós-2020 do Convênio pela Diversidade Biológica e o cumprimento dos ODS como um compromisso central até 2030. O adiamento de ambas as Conferências das Partes e a reformulação das metas não modifica a responsabilidade climática, nem a responsabilidade requerida para enfrentar a perda da natureza, espécies e ecossistemas. É prioritário vincular os planos econômicos de recuperação com as Estratégias de Longo Prazo de “Emissões Líquidas Zero”, acelerando a transição energética, as soluções baseadas na natureza e o desenvolvimento de uma sociedade resiliente e dentro dos limites do planeta.

5. **Colocar o desenvolvimento da tecnologia a serviço das soluções** e moldada pelos princípios democráticos, o respeito aos direitos humanos e o direito à privacidade da informação.
6. **Revisão do papel do Estado e da governança** em todos os níveis, assegurando o fortalecimento das instituições democráticas e republicanas.
7. **Desenvolver novos modelos de negócios que integrem objetivos econômicos, ambientais e sociais.** No renascimento de uma nova economia que anseie ser sustentável, o papel do setor empresarial é fundamental. A existência de milhares de empresas que se propõem a redefinir o sentido de sucesso em seus negócios, integrando objetivos ambientais e sociais a suas atividades econômicas, é um sinal de que é possível caminhar em direção à uma economia circular onde não haja sobras. É hora de investir definitivamente na engenhosidade humana e nas tecnologias de regeneração, onde a empresa contribua com o seu capital financeiro e humano, consciente de sua enorme capacidade e responsabilidade de geral ao mesmo tempo rendas sociais, ambientais e bem-estar econômico.

Em 2019, mobilizações globais convocaram milhares de pessoas que pediram mudanças substantivas no nosso sistema de vida. O que estamos vivendo nesta crise global pandêmica, demonstra que sim, é possível realizar mudanças estruturais. O mundo não será igual quando sairmos desta pandemia. Confiamos na capacidade e sensibilidade das gerações atuais e futuras em criar condições para alcançar um futuro comum radicalmente diferente, no qual a espécie humana assuma sua responsabilidade de cuidado com a natureza e dos nossos semelhantes a partir do conhecimento científico das leis naturais, da nossa capacidade criadora e do privilégio de viver em um planeta capaz de gerar e regenerar seus sistemas de vida.

Por um futuro sustentável, em 27 de maio 2020, subscrevemo-nos: